

## Docência masculina: representações de bem-estar docente entre profissionais da educação

*Male teaching: profile and representations of gender and teacher well-being among education professionals*

Josiane Peres Gonçalves<sup>1</sup> 

1 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Naviraí (CPNV), Naviraí, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Correspondencia: josianeperes7@hotmail.com

Este artigo é parte de uma tese de doutorado apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2009).

### RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar e analisar a perspectiva de docentes do gênero masculino brasileiros sobre o bem-estar docente. O referencial teórico fundamenta-se nos estudos de gênero e estudos sobre o bem-estar e mal-estar docente. A pesquisa qualitativa utilizou entrevistas semiestruturadas individuais com cinco professores homens, entre 38 e 64 anos, que fizeram a opção pelo magistério como principal profissão. Os resultados apontaram que em outros contextos históricos o trabalho docente era mais valorizado e ser professor era visto como referência para outras pessoas, mas com o tempo isso mudou e, conseqüentemente, resultou em situações de mal-estar docente. Quanto ao lazer, os professores entrevistados aproveitavam o tempo livre para: ficar com a família, dormir bem, se desligar do trabalho, brincar com os filhos, entre outras iniciativas. Eles acreditavam que fatores como gostar da profissão, ter boas condições de trabalho, investir na formação profissional, ser sujeito ativo do processo educativo, ter o reconhecimento social, entre outras, contribuem para a vivência do bem-estar docente.

**Palavras-chave** bem-estar docente, gênero, professores homens.

### ABSTRACT

The present study aimed to investigate and analyze the perspective of male Brazilian teachers on teacher well-being. The theoretical framework was based on gender studies and studies on teacher well-being and malaise. The qualitative research used individual semi-structured interviews with five male teachers, between 38



and 64 years old, who chose teaching as their main profession. The results showed that in other historical contexts, teaching was more valued and being a teacher was seen as a reference for other people, but over time this changed and, consequently, resulted in situations of teacher discomfort. As for leisure, the teachers interviewed took advantage of their free time to spend time with their family, sleep well, disconnect from work, play with their children, among other initiatives. They believed that factors such as liking the profession, having good working conditions, investing in professional training, being an active subject in the educational process, having social recognition, among others, contribute to the experience of teacher well-being.

**Keywords** teacher welfare, gender, male teachers.

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente estudo teve como objetivo investigar e analisar a perspectiva de docentes do gênero masculino brasileiros sobre o bem-estar docente. A ancoragem teórica pautou-se nos trabalhos de pesquisadores europeus, como Esteve (2005) e Jesus (1998), que desenvolveram estudos na Espanha e em Portugal, sucessivamente, após abordarem as questões relativas ao mal-estar docente, passaram a refletir sobre as possibilidades de implementação do bem-estar dos professores. Basicamente reconhecem que o processo de conscientização (de que os professores se encontram em situação de mal-estar) contribuiu para que houvesse uma evolução nos estudos no intuito de buscar alternativas de promoção do bem-estar dos professores.

Esteve (2005) afirma que “Falar de mal-estar docente é apenas um exercício para esclarecer o que deve ser deixado por baixo, para que brilhe a face do bem-estar” (p. 118). Ele revela que, quando utilizou, em 1985, a expressão “mal-estar docente”, queria explicar a primeira causa que afasta as/os professoras/es da face amável da profissão: a falta de reflexão sobre o sentido da profissão e, conseqüentemente, o desejo de desempenhar papéis impossíveis que resulta em autodestruição pessoal. Dessa forma, “A construção do bem-estar docente passa necessariamente por um período de formação inicial que permita ao futuro professor enfrentar os problemas descritos nas seis seções que se seguem” (p. 118), tais como: evitar distorções na definição do papel do professor; definir os objetivos de nosso papel docente; refinar a própria identidade profissional; dominar as técnicas de interação e comunicação de classe; capacidade de organizar a classe com uma ordem produtiva; adaptar os conteúdos do ensino ao nível de conhecimentos dos alunos.

Jesus (1998) também acredita na importância da formação inicial e

continuada de professores, sugerindo, inclusive, um modelo de formação desenvolvido por ele em Portugal, denominado de Modelo Relacional. Trata-se de um programa que prioriza principalmente o desenvolvimento das qualidades pessoais e interpessoais dos professores. O programa inicialmente tinha a duração de 30 horas, sendo posteriormente ampliado para 50 horas (Jesus et al., 2004), sendo estas distribuídas em dez sessões.

As sessões encontram-se assim organizadas: uma primeira parte – até a 3ª sessão – voltada à identificação dos problemas relativos ao mal-estar docente e, em seguida, inicia-se uma segunda etapa, e esta visa contribuir para o desenvolvimento de habilidades que possam tanto ajudar na prevenção, como também na resolução de situações de mal-estar. Resumidamente, cada sessão pode ser assim descrita: 1ª) apresentação do programa e pré-avaliação das variáveis que constituem indicadores do mal-estar docente; 2ª) identificação dos sintomas de mal-estar docente; 3ª) análise de possíveis estratégias que possam ajudar a superar tais sintomas; 4ª) desenvolvimento de competência de gestão de crenças, de expectativas e de objetivos profissionais, voltados a um mais adequado desenvolvimento cognitivo-motivacional; 5ª) desenvolvimento de competência na gestão dos sintomas físicos; 6ª) desenvolvimento de habilidade em gestão de tempo e trabalho em equipe com demais colegas; 7ª) desenvolvimento de habilidades de liderança; 8ª) desenvolvimento de competência em assertividade; 9ª) desenvolvimento de habilidades para lidar com situações conflituosas; 10ª) a última sessão consiste na pós-avaliação das variáveis que constituem indicadores do mal-estar docente e análise da utilidade do programa para os participantes (Jesus, 1998).

O programa de intervenção criado por Jesus (1998) foi adaptado e desenvolvido em outros contextos, inclusive no Brasil. É o caso, por exemplo, do Programa de Apoio ao Bem-Estar Docente, desenvolvido por Sampaio (2008), com professores da educação básica do Paraná, totalizando aproximadamente 50 horas e abrangendo as dimensões física, social, cognitiva, afetiva e espiritual. Os resultados indicaram que houve uma redução considerável nas variáveis de estresse e de exaustão profissional e um avanço nos níveis de autoimagem e de autoestima dos professores. O autor concluiu que programa de intervenção auxilia no enfrentamento e na superação de mal-estar em direção ao bem-estar docente, com repercussões profissionais e pessoais. Posteriormente, outro estudo realizado por Sampaio e Stobäus (2016), apontou que é necessário “refletir acerca de intervenções preventivas visando o desenvolvimento de potencialidades docentes para fazer frente às adversidades de seu universo laboral” (p. 143).

No Brasil, algumas publicações com temas relacionados possibilitaram reflexões importantes sobre o bem-estar do professor. É o caso, por exemplo, da abordagem de Mosquera e Stobäus (2008) sobre a personalidade saudável do professor, cuja ideia central é a de que “um professor com mais condições de ser bem-sucedido seria aquele que poderia e deveria desenvolver uma personalidade saudável e melhores relações interpessoais, tentando encaminhar-se para uma

educação afetiva” (p. 103). Nesse sentido, Mosquera e Stobäus (2008), baseando-se em autores como Freud, Jung e Jourard, afirmam que a pessoa saudável empenha-se em três tarefas fundamentais: a relação consigo mesmo; a relação com as outras pessoas; a relação com o mundo em transformação, estando as três inter-relacionadas.

Estes assuntos (inerentes às relações intrapessoais e interpessoais) relacionados ao contexto de mudança foram abordados em duas teses de doutorado no Brasil (Timm, 2006; Lapo, 2005) sobre o bem-estar docente. No caso do trabalho de Timm (2006), toda a discussão volta-se para o cuidado de si como forma essencial para a obtenção do bem-estar docente. Lapo (2005) discute as relações do professor com o ambiente de trabalho e percebe que as relações interpessoais são fatores preponderantes para que o professor se sinta em situação de bem-estar. Ambas as teses, vão ao encontro das proposições de Mosquera e Stobäus (2008) sobre os fatores necessários para se ter uma personalidade saudável que resulte em situação de bem-estar. Timm (2006) aborda a importância das relações intrapessoais, caracterizadas como cuidado de si. Lapo (2005) evidencia que as relações interpessoais são vistas pelos docentes felizes como sendo um dos fatores que mais contribuem para esta sensação de bem-estar.

Sabemos que as relações interpessoais podem interferir negativamente, gerando mal-estar, porque, no ambiente de trabalho, as/os professoras/es se relacionam com alunos, com pais, com funcionários, com colegas ou docentes, com gestores, entre outros, e que estas relações nem sempre são bem-sucedidas. Os estudos apresentados apontam, no entanto, que, se bem direcionadas, as relações interpessoais podem ser uma das fontes mais prazerosas no âmbito escolar e que podem resultar em sensação de bem-estar.

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa, que segundo Flick (2009, p. 16), essa forma de investigação “usa o texto como material empírico (ao invés de números) parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano em relação ao estudo”.

O instrumento utilizado baseia-se na gravação de entrevistas semiestruturadas, uma vez que, conforme Flick (2009), é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento relativamente aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário.

Participaram desta pesquisa cinco docentes do gênero masculino brasileiros que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério. Para Sevilhano (2006), a carreira profissional de sucesso significa “Trajetória ascendente de profissionais considerados exemplares por seus superiores, modelos para os seus pares e com potencial para assumir posições mais complexas” (p. 7). A opção por priorizar

apenas professores homens, refere-se ao fato de que eles são minoria nas etapas iniciais da educação escolar e, no caso dos docentes pesquisados, eles escolheram o magistério como principal profissão e passaram pela experiência de atuar em diversos níveis de ensino, em instituições públicas e particulares. Para efeito de organização textual e visando manter o sigilo da identidade dos participantes, eles foram identificados pelos nomes fictícios de Abel, Bento, Carlos, Darlan e Eduardo.

Entre os entrevistados, um estava na faixa dos 30 anos, dois estavam na faixa etária de 30 a 40 anos, um estava se aproximando dos 60 anos e um estava na faixa etária dos 60 e 70 anos. Ou seja, quatro deles eram considerados adultos de meia idade e um já poderia ser considerado idoso, segundo Gonçalves (2016).

Uma característica marcante refere-se ao curso de graduação com predominância para a área de Ciências Humanas e mais especificamente para o curso de Filosofia, já que três deles foram seminaristas, sendo este um fator decisivo para a escolha do curso superior e, conseqüentemente, para a escolha da profissão. Entre os cinco docentes, um era doutor, três eram mestres e um era especialista. As entrevistas foram agendadas com antecedência e gravadas nas casas dos participantes ou em seus ambientes de trabalho.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES: BEM-ESTAR DOCENTE SEGUNDO A PERSPECTIVA DE DOCENTES DO GÊNERO MASCULINO**

Ao refletir sobre as representações relativas ao mal-estar e bem-estar docente, é importante considerar que em outras épocas o trabalho docente era mais valorizado, ser professor representava status na sociedade por ser considerado o detentor do saber. O Darlan vivenciou essa realidade no final da década de 1960 quando iniciou a sua carreira profissional. “O professor tinha muita consideração da sociedade e a família se orgulhava de ter um professor”. Neste período, “o professor era valorizado, independente do grau de ensino” e, em regiões do interior do país, “ele era uma referência na cidade e visto como um bom partido para o casamento” (Darlan).

Poderíamos nos questionar o motivo por que tão rapidamente esta realidade mudou a ponto de um professor não ter o mesmo reconhecimento perante a sociedade. Segundo a opinião do Abel, “A sociedade em geral valorizava muito o professor quando ele era um vocacionado”, mas atualmente a realidade é outra: “Eu sempre via, no final do ensino médio, que muitos alunos não tinham condições de passar num curso concorrido [...] então ele acabava optando pelas carreiras ligadas ao magistério, já que é mais baixa a concorrência”.

Evidencia-se, a partir dos relatos, bem como em Gudsdorf (2003), que em outros contextos históricos o trabalho docente era mais valorizado e ser professor era visto como referência para outras pessoas, por se tratar de uma profissão que tinha maior reconhecimento social. Tais mudanças podem ter influenciado nas condições de mal-estar docente.

Além disso, o professor Abel relaciona a profissão docente com vocação,

associada à ideia de talento, que pode ser considerada como algo natural, banal e inquestionável. Contudo, de acordo com Soares (2002), a vocação não existe. Não é nato às características de qualquer profissão em quem a executa. São as escolhas que a pessoa faz diante das possibilidades, do sistema social e econômico que participa que orientam a sua vida, assim como as escolhas que não faz.

O docente Eduardo relatou que “Os professores que ganham pouco, assumem uma postura de ‘dador de aula’, isso é um pecado capital porque nós não podemos ir para uma sala de aula achando que vamos ‘dar’ uma aula...” O professor compreende que o momento em que está em sala de aula é um momento único, de grandes encontros, é muito mais do que apenas dar aula. “Nós vamos para um encontro de ensino aprendizagem, esse encontro tem que ser bem resolvido e não deve estar em questão o nosso salário [...] Na sala de aula os nossos alunos não têm nada a ver se nós ganhamos pouco ou ganhamos muito” O professor também menciona que é importante que o professor se divirta em sala de aula, que sinta prazer com o que faz.

Em relação ao lazer, fator importante para a existência de condições de bem-estar docente, os professores entrevistados relataram que na maioria das vezes aproveitam o tempo livre para ficar com a família ou fazer alguma coisa que consideram como prazerosa. Para o Darlan “o lazer – necessariamente não precisa sair, não precisa viajar, é você ficar numa situação completamente desligada de tudo [...] pra conviver com a família, pra rir, pra brincar...”. De forma semelhante, o Carlos ressaltou que sabe fazer bem a distinção entre trabalho e lazer: “Eu estou lá no trabalho, estou no trabalho, estou fora do trabalho então eu não quero me envolver, eu desligo. Por isso eu durmo bem”.

O fato de conseguir “dormir bem” é um grande avanço e saber se organizar no tempo também, porque a pessoa tem necessidade de manter um equilíbrio entre as atividades pessoais, profissionais, familiares e de lazer. Para Nascimento (2006), o bem-estar humano inclui a satisfação com domínios, caracterizada por alguns aspectos específicos da vida, como a vida conjugal e/ou os filhos, a saúde, o trabalho e o lazer. É satisfação com domínio porque a pessoa tem condição de agir, de tomar decisões sobre estes aspectos que resultem em situações de bem-estar.

De acordo com a opinião dos entrevistados, o lazer envolve situações simples, mas que resultam em prazer para a pessoa que as pratica. “A gente gosta de brincar de bola com o filho. Eu tenho um molequinho e sempre tem uma bola rolando dentro do apartamento, o tempo inteiro. Coitado dos vizinhos! Mas a bola rola ali o tempo inteiro. Então você passa, dá um chute naquela bola, você brinca” (Bento).

É possível constatar que o tempo livre é considerado importante para que o professor atinja um nível de bem-estar docente, mas que deve ser iniciativa da própria pessoa isto de mudar o seu estilo de vida, como foi citado pelo Abel e Darlan. Trata-se de um fato interessante, porque, segundo Gonçalves (2008), os

homens professores procuram se envolver, mais que as mulheres professoras, em atividades de lazer. Neste estudo, os homens em geral demonstraram que, por sentirem que era necessário, procuraram se organizar de forma a ter um tempo afastado do trabalho, a ponto de “se desligar” (Darlan) ou de fazer atividades prazerosas que se caracterizassem também como lazer (Bento).

Os participantes da pesquisa afirmaram que se viam em condições de bem-estar docente e opinaram sobre o que pensam a respeito dessa possibilidade. “Eu acho que o que contribui para o bem-estar do professor é ele estar de bem com a vida e ser apaixonado por transmitir conhecimento, só isso” (Abel). De forma semelhante, o Darlan também comentou sobre a importância de gostar do que se faz, e sobre a harmonia do ambiente de trabalho como sendo um dos fatores importantes para a promoção do bem-estar docente.

Se você respira um ar bom, uma atmosfera legal se tem harmonia, entusiasmo, porque um entusiasmo o outro, e principalmente se você está dentro de uma profissão que você tem certeza que é o que você quer, se você faz o trabalho que você gosta, se você dorme tranquilo antes de ir pro seu trabalho, é porque você gosta daquilo que está fazendo e quando se faz uma coisa que gosta você só se sente pra cima. (Darlan)

O fato de gostar do que se faz é imprescindível para que o professor se sinta em situação de bem-estar docente, especialmente se atua numa instituição escolar onde as relações são saudáveis ou harmoniosas. Nesse sentido, Lapo (2005) sugere que as relações interpessoais são vistas pelos docentes como sendo fatores relevantes para a satisfação dos professores no ambiente de trabalho.

No caso do Eduardo, ele demonstrou que se encontra em situação de bem-estar docente por comparar a própria vida com a de outros trabalhadores que estão em situações mais desfavoráveis. “Quando nós vemos um cortador de cana ou um agricultor sofrido e sabemos que passou a vida toda sem conseguir quase nada, então não importa os sacrifícios que nós talvez tenhamos sofrido, enfrentado no magistério. Valeu a pena!” E avalia que todo o esforço para desenvolver a carreira profissional “foi de menos, não foi de mais e faria tudo novamente.” Ele também estabeleceu comparação entre a sua vida atual e a anterior quando, ainda jovem, atuava em outras áreas.

“Lá atrás quando nós éramos radialista, e eu fui barbeiro também (não sei se te contei) a gente percebia que a educação era o caminho para que nós nos resgatássemos daquela situação mais sofrida, uma vez que a gente pretendia formar uma família e ter a possibilidade de dar a ela melhores condições de vida. E a gente via que aquele não era o caminho. Pra que nós nos erguêssemos daquilo necessário se fazia que nós buscássemos a educação...”. (Eduardo).

O professor demonstrou que foi sujeito de todo o processo, que, não aceitando a situação na qual se encontrava, foi em busca de algo melhor até atingir aquilo que se propôs inicialmente. Nesse sentido o Carlos relatou: “Sempre eu tenho dito que é preciso fazer da profissão que a gente escolheu o sucesso!

Independente do que você esteja fazendo vai depender de você [...]. As pessoas podem mudar o rumo da sua vida, mais tem que ser uma escolha própria”.

Quanto às representações dos professores sobre os fatores que contribuem com a promoção do bem-estar docente, as respostas foram variadas, mas todas contribuem para que o professor esteja bem no exercício da sua função. O professor Bento relatou: “Eu acredito que a valorização profissional se dá em vários fatores desde as condições de trabalho, espaço físico, material didático, respaldo profissional, respeito de modo geral pelo professor e nesse contexto entra a agenda”. Ele comentou que a organização das atividades é fundamental e que, por este motivo, o uso de agenda ajuda no planejamento e organização das atividades que estão por vir. Em seguida o professor concluiu: “Então eu acho que se poderiam evitar muitos problemas ao professor dando a ele maiores condições de trabalho”. Siqueira e Padovan (2008) refletem sobre a importância de se ter boas condições no ambiente de trabalho de forma a contribuir com a satisfação do trabalhador. Além disso, a satisfação, resultante das experiências do trabalhador no seu meio de trabalho, se irradia para a sua vida social, familiar, afetiva e pessoal.

Os professores também comentaram sobre o processo de formação profissional que contribui para o bem-estar docente: “Eu acho basicamente que temos que melhorar a formação do professor através de currículos melhorados, através de um incentivo no plano de carreira que o atraia para frequentar um bom curso de formação”. E assim concluiu: “Não adianta falar de qualidade da educação enquanto o nosso professor não está sendo formado com qualidade” (Eduardo). Também o docente Bento argumentou: “Você percebe que a internet já está falando coisas novas, a televisão está falando coisas novas e esse professor não se atualizou”. Assim, eles reclamam “que o aluno não quer aprender” e este, por sua vez, diz que o professor “está desinformando, falando uma coisa fora da realidade, então é aquele mal-estar”. Em seguida o professor comentou sobre a necessidade de “atualização e de falar a linguagem do aluno” como fator determinante para a conquista do bem-estar em sala de aula.

De certa forma, o Darlan também comenta sobre a formação como sendo importante para a promoção do bem-estar docente, mas ele faz referência ao professor que reflete sobre a sua prática. Afinal, “se o professor é reflexivo, ele desenvolve uma capacidade de absorver as adversidades e dessas adversidades tornar isso positivo [...] a gente só não se realiza quando não reflete sobre a prática pedagógica da gente”. Em seguida o professor comentou que o fato de poder refletir sobre a ação docente faz com que esteja em melhores condições de bem-estar, por conseguir estabelecer bons níveis de relacionamento com os alunos e consigo mesmo. Nesse sentido, Mosquera e Stobäus (2008) sugerem que “um professor com mais condições de ser bem-sucedido seria aquele que poderia e deveria desenvolver uma personalidade saudável e melhores relações interpessoais, tentando encaminhar-se para uma educação afetiva” (p. 126).

Os dois professores que já eram aposentados e continuavam trabalhando

na área da educação, finalizaram as entrevistas com importantes reflexões sobre a valorização da profissão docente: “Eu sempre falo aos alunos, principalmente da área de licenciaturas, Pedagogia ou outras licenciaturas, que ninguém deve se inibir pelo fato de ser professor, o que precisa é lutar, é fazer com que esses olhem para a frente!” (Darlan). “Gostaria que você dissesse nas suas aulas que você conhece alguém que admite que o mundo pode ser melhor através da educação e que vale a pena ser professor” (Eduardo). O fato de os professores gostarem da profissão docente contribuía para que eles tivessem uma percepção de bem-estar, resultando no desenvolvimento de um trabalho competente na área da educação.

#### **4. CONCLUSÕES**

Diante do estudo realizado com cinco docentes do gênero masculino brasileiros, que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério, é possível constatar que os participantes da pesquisa acreditavam que em outros contextos históricos o trabalho docente era mais valorizado e ser professor era visto como referência para outras pessoas, mas com o tempo isso mudou e, juntamente com os baixos salários, acabou por resultar em situações de mal-estar docente.

Em relação ao lazer, os professores entrevistados relataram que costumavam aproveitar o tempo livre para ficar com a família ou fazer algo que consideravam prazeroso, como brincar com os filhos, dormir bem, se desligar do trabalho, entre outras iniciativas.

Além disso, os cinco professores demonstravam que se encontravam em situações de bem-estar docente e acreditavam que fatores como gostar da profissão, ter boas condições de trabalho, investir na formação profissional, ser sujeito de toda a trajetória profissional, ter o reconhecimento social, entre outras, contribuem para as vivências do bem-estar docente.

Ou seja, para os cinco docentes do gênero masculino brasileiros, o bem-estar docente é influenciado por fatores sociais e pessoais, e o atendimento das necessidades de ambas as dimensões são importantes para os professores se sentirem bem e realizarem com maior competência o seu trabalho no campo da educação.

#### **CONFLITO DE INTERESSES**

A autora declara não ter qualquer conflito de interesses.

#### **FINANCIAMENTO**

A investigação é inteiramente auto-financiada.

## REFERÊNCIAS

- Esteve, J. M. (2005). Bem-estar e saúde docente. *Revista PRELAC-UNESCO*, 1(1), 116-133.
- Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Artmed.
- Gonçalves, C. M. M. M. (2008). *Escola pública: bem-estar docente, mal-estar docente e gênero* [Dissertação de Mestrado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre.
- Gonçalves, J. P. (2016). Ciclo vital: início, desenvolvimento e fim da vida humana, possíveis contribuições para educadores. *Revista Contexto & Educação*, 31(98), 79-110.
- Gudsdorf, G. (2003). *Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia*. Martins Fontes.
- Jesus, S. N. (1998). *Bem-estar dos professores: estratégias para realização e desenvolvimento profissional*. Porto Editora.
- Jesus, S. N., Santos, J. C. V., Stobäus, C. D., Mosquera, J. J. M., e Esteve, J. M. (2004). Formação em gestão do stress. *Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2), p. 358-371.
- Lapo, F. R. (2005). *Bem-estar docente: limites e possibilidades para a felicidade do professor no trabalho* [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. São Paulo.
- Mosquera, J. J. M., e Stobäus, C. D. (2008). O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: D. Enricone. (Ed.). *Ser professor* (pp 91-107). Edipucrs.
- Nascimento, S. H. (2006). *As relações entre inteligência emocional e bem-estar no trabalho* [Tese de Mestrado]. Universidade Medodista de São Paulo, Faculdade de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde. São Bernardo do Campo.
- Sampaio, A. A. (2008). *Programa de apoio ao bem-estar docente: construção profissional e cuidar de si* [Dissertação de Mestrado]. Pontifícia Universidade

Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre.

- Sampaio, A. A., e Stobäus, C. D. (2016). Mal/bem-estar na formação inicial docente: perspectivas em contextos de mudanças. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 3(5), 143-160.
- Sevilhano, C. J. A. (2006). *Fatores críticos de sucesso e guinadas em carreiras entre 2000 e 2004* [Dissertação de Mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade, Programa de Pós-Graduação em Administração. São Paulo.
- Siqueira, M. M. M., e Padovan, V. A. R. (2008). Bases teóricas do bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(2), 201-209.
- Soares, D. H. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. Summus.
- Timm, E. Z. (2006). *O bem-estar na docência: dimensionando o cuidado de si* [Tese de Doutorado]. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre.

## **SOBRE A AUTORA**

Josiane Peres Gonçalves es Doutora com Pós-Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora dos Programas de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGE/CPAN e PPGEdu/FAED). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE), vinculado à Rede Internacional América Latina, África, Europa, Caribe (ALEC).

## **COMO CITAR**

Gonçalves, J. P. (2023). Docência masculina: representações de bem-estar docente entre profissionais da educação. *Rev. cient. estud. investig.*, 12(1), 56-66. <https://doi.org/10.26885/rcei.12.1.56>